

MEMÓRIAS DA IMIGRAÇÃO  
JAPONESA NO BRASIL: UMA  
LEITURA DE *NIHONJIN* (2011),  
DE OSCAR NAKASATO

*MEMORIES OF JAPANESE  
IMMIGRATION IN BRAZIL: A  
READING  
OF NIHONJIN (2011), BY  
OSCAR NAKASATO*

Antônio Roberto Esteves  
(UNESP-Assis)<sup>1</sup>

**RESUMO:** A imigração japonesa é uma das mais importantes do Brasil e o processo de construção de identidade dos descendentes da diáspora nipônica talvez seja um dos mais doloridos, por motivos variados. O paranaense Oscar Nakasato, descendente dessa diáspora, escolhe o romance, com suas múltiplas possibilidades, para abordar o tema. Fugindo das construções

<sup>1</sup> Docente do departamento de Letras Modernas e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual Paulista (UNESP), câmpus de Assis. Aesteves26@uol.com.br

épicas, pouco apropriadas aos tempos de globalização, ele relata através da saga de três gerações o complexo processo de deixar de ser japonês e passar a ser brasileiro. Seu romance *Nihonjin* (2011) é um dos poucos exemplos que tratam da integração de imigrantes japoneses à cultura brasileira. Ancorado no processo da memória, esse romance histórico faz uma espécie de leitura a contrapelo do processo de inserção dos *nihonjin* na cultura brasileira. Com uma narrativa ao mesmo tempo ágil e suave, entrecruzando várias vozes e pontos de vista, o romance tenta preencher as muitas lacunas existentes no relato da épica familiar. Escorando-se em vozes dissonantes, prefere construir, em lugar da saga dos emigrantes japoneses e seu sofrimento ao abandonar a pátria, a aventura de se tornarem brasileiros.

**PALAVRAS CHAVE:** Memória da imigração japonesa no Brasil. Construção da identidade nipo-brasileira. Romance histórico brasileiro. Oscar Nakasato. *Nihonjin*.

**ABSTRACT:** Japanese immigration is one of Brazil's most important populational movements and the process of identity construction by the descendants of the Nipponese diaspora is perhaps one of the most painful, for various reasons. Oscar Nakasato, descendant of this diaspora, chooses the novel, with its multiple possibilities, to approach the theme. Evading epic construction, almost inappropriate to the globalization era, he reports, through the saga of three generations, the complex process of ceasing to be Japanese and becoming Brazilian. His novel *Nihonjin* (2011) is one of the few examples related to the integration of Japanese immigrants to Brazilian culture. Anchored in the memory process, this historical novel is a kind of reading in a contrary direction of the process of insertion of the *nihonjin* in Brazilian culture. With a narrative at once agile and gentle, intersecting multiple voices and points of view, the novel tries to fill the many gaps in the history of the family epic. By yielding on dissenting voices, the author prefers to build, instead of the saga of Japanese emigrants, as well as their suffering for abandoning their country, the adventure they experience in becoming Brazilians.

**KEYWORDS:** Memory of Japanese immigration in Brazil. Construction of Japanese-Brazilian identity. Brazilian historical novel. Oscar Nakasato. Nihonjin.

Nihonjin, nissei, nipo-brasileiro, nipônico, Nikkei e ni sei o que, assim nós, os descendentes dos pioneiros que vieram do outro lado do mundo, fomos chamados ao longo das décadas.”

Jorge Nagae

### Uma porta que se abre...

É quase um lugar comum abordar a saga das grandes massas imigratórias que cruzaram oceanos em busca de uma terra que oferecesse condições de vida que essas pessoas não tinham em suas terras de origem, particularmente na transição do século XIX para o XX. Muitos japoneses, expulsos de suas terras pela reorganização econômica causada pela industrialização, optaram por vir para o Brasil, uma das terras da promessa. Na mentalidade de boa parte desses emigrantes, no entanto, o deslocamento seria provisório e deveria durar apenas o suficiente para acumular algum capital na nova terra e poder retornar. Na maior parte dos casos, porém, a separação foi definitiva e eles tiveram que se integrar à terra adotiva, tratando de assimilar a cultura local, ao mesmo tempo em que eram assimilados por ela.

O trauma da não concretização do desejo inicial e o confronto com a realidade posterior costumam estar no centro dos relatos dessas comunidades que passaram a enriquecer o processo de mistura que deu origem a essa entidade multicultural que chamamos de Brasil. A construção da nova identidade é demorada e traumática. Há o confronto da identidade antiga, construção discursiva que trata de se manter viva na memória daqueles que abandonaram sua terra, com o desejo das novas gerações de deixarem de ser diferentes e se transformarem em brasileiros.

A imigração japonesa foi uma das mais importantes do Brasil: representou o quinto contingente, no período de 1819 a 1939, depois de italianos, portugueses, espanhóis e alemães (ALVIM, 1998, p. 233). E o processo de construção de identidade dos descendentes da diáspora nipônica talvez seja um dos mais doloridos, por motivos variados. Em geral, a primeira geração nascida no Brasil, ainda imbuída da esperança dos pais, acalentou o desejo de regressar ao Japão. Mesmo tendo se integrado relativamente à cultura brasileira, cultivou muitos valores ancestrais preparados para se reintegrar à velha pátria quando fosse necessário. Mantiveram a língua japonesa não apenas em situação familiar e principalmente aqueles que foram educados antes do governo brasileiro proibir, nos anos trinta, as escolas em língua estrangeira, aprenderam a ler e escrever nessa língua, além de serem alfabetizados em português.

Nesse contexto, a chamada colônia japonesa em nosso país foi uma das mais conservadoras, se pensamos em projetos de integração ao país de adoção. Mesmo quando se esvaeceram as possibilidades reais do retorno à terra dos antepassados, especialmente depois da derrota do Japão na Segunda Guerra, essa colônia criou um discurso especial de manutenção e exaltação de sua cultura. Praticamente integrados à cultura dos Estados em que se fixaram, especialmente os Estados do centro-sul do país, os nipo-brasileiros marcaram profundamente a economia dessas regiões, sobretudo graças às inovações por eles introduzidas na agricultura. Da mesma forma, tais inovações agrícolas acabaram por impor também uma série de hábitos alimentares e gastronômicos. Em termos gerais, também na cultura pode ser notado o rasto de sua presença.

Além disso, edificaram e alimentaram uma construção simbólica: o nipo-brasileiro é bem educado, sério e responsável. A família é bem estruturada, seguindo os valores nipônicos que colocam a coletividade em primeiro plano, restando pouco espaço para manifestações da individualidade. Os mais velhos são respeitados e dos jovens se exige, além do respeito àqueles, seriedade

nos estudos e no âmbito profissional. Devem ocupar os primeiros lugares, tanto nos estudos, quanto no trabalho. Seria uma forma de se integrarem na nova cultura ocupando um espaço normalmente negado aos estrangeiros (NAKASATO, 2008). Com todos esses estereótipos, os descendentes da diáspora nipônica no Brasil têm que lutar arduamente em seu dia a dia, na construção de sua identidade brasileira.

### *Nihonjin* ou a árdua luta para se tornar brasileiro

Publicado em 2011, *Nihonjin*, o primeiro romance do paranaense Oscar Nakasato, anteriormente conhecido e laureado como contista, já nasceu premiado: foi o vencedor do *Primeiro Prêmio Benvirá de Literatura* concorrendo com quase dois mil participantes. Em 2012 receberia o tradicional *Prêmio Jabuti* em sua categoria. A obra traça a trajetória de três gerações de uma família de imigrantes japonesa e suas peripécias no processo de adoção da nova terra.

A história é narrada por um neto de Hideo Inabata, uma espécie de protótipo do migrante orgulhoso de sua condição nipônica, que desembarca no Brasil nos anos 20 acalentando o sonho de conseguir dinheiro suficiente para voltar à terra natal o mais breve possível. Ao longo da vida ele enfrenta o árduo trabalho rural, a difícil adaptação em uma terra desconhecida e o conflito com diversos membros da família pouco dispostos a seguirem suas estritas normas de conduta, baseadas em regras ancestrais de um Japão tradicional, pouco adequadas à realidade que o rodeia.

Em sete capítulos, com narrativa em primeira pessoa, na voz de Noboru, neto do patriarca, o romance alterna um “estilo ora objetivo ora poético” (NAGAO, 2012). A memória pessoal se junta à memória familiar e a imaginação preenche as muitas lacunas que vão surgindo entre os relatos dos mais velhos. As duas pontas do arco narrativo, que conta a história das três gerações familiares, marcam

o período situado entre a saída do Japão do patriarca Hideo, em um dia indeterminado dos anos 20, para concluir, em outro dia também indeterminado, talvez nos anos 90. É quando o narrador, que reconstrói minuciosamente a saga familiar, faz uma visita final ao avô, poucos antes de empreender a viagem de volta, à procura de um homem antigo, rural, talvez o avô, mas também ele próprio, em um Japão pós-moderno, com o pretexto de seu trabalho como *dekasegui*.

A temporalidade é escorregadia como a memória: há poucas datas no romance. Uma delas marca o dia em que Hideo foi preso: 06 de abril de 1943 (NAKASATO, 2011, p. 83). Acontecimentos históricos servem como marco cronológico: a Segunda Guerra Mundial e a derrota japonesa ou a ditadura militar brasileira dos anos 60-80, entre outros. Em geral, no entanto, o tempo flui com os acontecimentos cotidianos, recuperados pela rede de memória familiar, seja a do próprio narrador, seja a dos demais membros do clã. O próprio narrador apresenta sua definição de tempo: “O tempo só existe porque se fazem coisas, umas após as outras, e elas, quando são evocadas, surgem em uma nova realidade, e então não são as mesmas. [...] O tempo é atemporal.” (NAKASATO, 2011, p. 174).

E todo o relato que constitui o romance, reconstituição da memória individual, do narrador e de sua família, por metonímia da própria imigração japonesa no Brasil, é formado pela superposição de um passado, resultado da fusão de fragmentos da memória que se juntam para formar a totalidade construída pelo narrador. Aí, passado e presente se fundem: o presente reelabora o passado que dá sentido ao presente: “O passado agora habitava outro espaço, surgia para justificar o presente, era reconstruído, e não se necessitava ter restauradores, que eles são rigorosos, preocupam-se com milímetros e cores exatas”. (NAKASATO, 2011, p. 174).

Nessa reelaboração, o silêncio adquire papel essencial, uma vez que é “uma ausência necessária para que as lembranças e as aflições pudessem povoar os nossos devãos.” (NAKASATO, 2011,

p. 175). Tais desvãos são preenchidos de várias formas: através dos relatos dos vários membros da família ou principalmente através da imaginação do narrador, que cria uma teia de vozes em *mise en abyme* para ocupar tais espaços antes vazios. “Tio Hanashiro me contou alguma coisa dela que o vovô havia lhe dito muito tempo atrás, coisas de que o próprio ojiiichan se esquecera [...]” (NAKASATO, 2011, p. 10).

Fragmentos de fotografias e relatos dos mais velhos são os vestígios através dos quais os ausentes adquirem vida e povoam o presente da narrativa. As fotos antigas e as histórias explicando e identificando cada uma daquelas imagens amareladas pelo tempo são o elo que estabelece a ligação entre fiapos da memória familiar e que permite criar a história daqueles imigrantes embrutecidos pela dureza da vida nos cafezais. São as reminiscências a que se refere Benjamin (1985, p. 224), que precisam ser apropriadas para poderem significar. É a forma através da qual a imagem do passado perpassa, veloz, para deixar-se fixar como “imagem que relampeja irreversível, no momento em que é reconhecido”. (BENJAMIN, 1985, p. 224).

Muitas são as histórias que se perdem, indivíduos que são apagados pelo esquecimento, natural ou proposital. É contra esse apagamento que se ergue a voz do narrador, tratando de extrair do fundo das gavetas ou de obscuros rincões da memória, resquícios convertidos em cacos de memória que serão cuidadosamente colados para reconstruir figuras desconhecidas ou olvidadas.

Se a fotografia é um importante resquício desse passado perdido, o jogo do olhar ocupa um papel fundamental no relato. É através dele que antigas imagens borradas readquirem novos significados e contam outras histórias, até então apagadas e/ou esquecidas. O olhar do narrador incorpora o olhar do outro presentificando-o em seu relato. “Depois, quando o navio chegou ao porto de Santos, vi Kimie se espremendo em meio aos homens e mulheres maiores que ela, procurando um espaço na amurada.” (NAKASATO, 2011, p. 17).

Pode-se dizer que o romance de Nakasato realiza, a partir das bordas, com o foco em personagens ex-cêntricos (HUTCHEON, 1991), uma leitura da saga da imigração, desmitificando o modelo tradicional, centrado na epopeia heroica com o objetivo de louvar o sacrifício dos imigrantes que, mesmo em condições adversas lutaram para manter de pé os valores, em geral ultrapassados, racistas e preconceituosos, daquilo que consideravam ser o pilar da cultura japonesa. De alguma forma, essa leitura dessacralizadora já tinha sido feita, em 1980, pelo filme *Gaijin*, de Tizuka Yamasaki, com o qual *Nihonjin* dialoga de modo claro.

Desse modo, a saga de Hideo Inabata é contada enfocando três personagens silenciados pela tradição familiar, que são recuperados pelo relato do narrador. Cada qual a seu modo e com sua atuação particular, esses personagens ajudam a corroer o louvado modelo tradicional do imigrante nipônico. Dois deles são mulheres, já *per se* pouco consideradas numa sociedade patriarcal e falocêntrica (CEIA, 2013) como a cultura japonesa de fortes marcas rurais do século XIX. Apontar a mulher como elemento secundário na cultura japonesa tradicional é quase um lugar comum. Cabia à mulher, naquela sociedade agrária e rural, um papel secundário de mero coadjuvante do homem, com a função de esposa obediente e trabalhadora e mãe zelosa. Duas das três mulheres que ocupam o protagonismo do romance fogem a esse papel e são extirpadas do núcleo familiar sofrendo seu desprezo. O terceiro protagonista ousa a enfrentar o feroz nacionalismo nipônico e pagará com a vida o desejo de integrar-se à sociedade brasileira.

Cronologicamente, e também no relato, uma vez que abre o romance, o primeiro desses personagens ex-cêntricos é Kimie, a primeira esposa de Hideo. Dela pouco se sabe. “Há uma fotografia dela em preto e branco [...], as bordas cortadas em pequenas ondas pontudas, amarelada [...]. Quem se lembra dela?” (NAKASATO, 2011, p. 9). No momento do desembarque, o narrador a vê “se espremendo em meio a homens e mulheres maiores que ela, procurando um espaço na amurada.” (NAKASATO, 2011, p. 17)



Frágil e sonhadora, estará sempre procurando um espaço próprio, mas não conseguirá vencer as adversidades. Acaba por morrer de tristeza, por não adaptar-se à nova terra nem ao rigor do marido. Antes de morrer, não sem muita crise de consciência, ela tem uma aventura extraconjugal com Jintaro, o agregado da família, sensível e poeta, homem oposto a Hideo. Ela morre sonhando ver a neve caindo nos cafezais paulistas. Dela resta apenas uma fotografia apagada e alguns fragmentos narrativos.

No entanto, é ela, sempre “calada, cabisbaixa, encaramujada”, como corresponde a uma mulher japonesa de seu tempo, quem primeiro estenderá a mão rumo à integração à nova terra e à sua gente. Apesar de não se adaptar à vida bruta da fazenda de café, ela estabelece amizade com Maria, negra “altiva, sorridente e bela” (NAKASATO, 2011, p. 17), que vem lhes dar as boas vindas por ocasião de sua chegada à colônia de café. Apesar da oposição do marido, Kimie mantém sua amizade com Maria, conhecedora de chás e ervas que a curam várias vezes, mas que não são suficientes para salvá-la.

Evidentemente, tal personagem deveria ser banido da memória gloriosa da imigração nipônica. Pode ser um exagero de Nakasato concentrar em Kimie uma série de características indesejáveis na construção idealizada do imigrante japonês: mulher; frágil; inadaptada ao trabalho duro da lavoura; apaixonada pelo agregado familiar que cultiva as letras e é sensível; amiga de uma negra, contrariando as ordens do marido e, principalmente, incapaz de gerar filhos para seu marido rude e autoritário.

Com a partida de Jintaro, agregado ao casal para atender às exigências das autoridades migratórias brasileiras de três enxadas por família; e com a morte de Kimie, Hideo teve que se juntar, agora como agregado, a outra família. Acaba se casando com uma das filhas e então constitui sua própria família. A nova esposa é o que se espera de uma japonesa: trabalhadeira, obediente, calada. Nasceram e crescem os filhos e como normalmente ocorre com os

imigrantes, a família abandona a fazenda de café e arrenda um sítio, onde se dedica à agricultura e à pecuária. Mais tarde se dirigem para a cidade, fixando-se como comerciantes no bairro da Liberdade, em São Paulo. A educação da prole segue o padrão da colônia: a escola brasileira visando dar aos filhos conhecimentos básicos de língua portuguesa e ao mesmo tempo a rigorosa escola japonesa.

É nesse contexto que começam, já de criança, os problemas com Haruo, o segundo filho, o “diferente que queria ser igual”, que não hesita em contrariar os ensinamentos paternos em seu afã de tornar-se um brasileiro. Ele é o núcleo do segundo foco ex-cêntrico do romance. Desde criança nega-se a aceitar a identidade de *nihonjin*, preferindo aproximar-se dos *gaijin*. Os conflitos com o pai serão inúmeros, mas o preço maior de sua opção integracionista é seu assassinato pelos *kachigumes* da *Shindo Renmei*, a Liga do Caminho dos Súditos, logo após a Segunda Guerra mundial. Sua morte, nos braços do pai, que era militante da Liga, imprime uma marca dolorida no caráter de Hideo, que não deixa, no entanto, de ser um homem extremamente rigoroso. No âmbito privado, ele sofre a morte do filho, mas o final do romance mostra um ancião que, embora atormentado pela morte do filho, se dedica com mãos firmes à técnica do bonsai, modelando com arame e alicate, as formas da planta.

O episódio da *Shindo Renmei* talvez seja a parte mais controversa da história da imigração japonesa no Brasil. Por um lado, costuma ser usado pelos nacionalistas brasileiros para denegrir a imagem desses imigrantes e dos nipo-brasileiros. Os idealizadores da saga heroica da imigração japonesa, por sua vez, durante muito tempo preferiram passar de modo superficial e rápido pelo episódio.

Vista com desconfiança pelo grosso dos brasileiros devido a seu caráter fechado, a colônia japonesa foi bastante atingida durante a ditadura nacionalista de Getúlio Vargas. Entre outras coisas, o regime de Vargas proibiu a educação em língua estrangeira no país, além da circulação de publicações em língua estrangeira. Com a

entrada do Brasil na Guerra, os japoneses passaram a ser vigiados de perto, ficando praticamente confinados e isolados.

Nesse contexto, em 1942, como resultado da reação a ataques violentos contra japoneses em Marília, um grupo de nacionalistas japoneses fundou a *Shindo Renmei*, Liga do Caminho dos Súditos, em japonês. Com a derrota do Eixo na Guerra, a colônia japonesa dividiu-se em dois grupos: aqueles que se negavam a aceitar a derrota do Japão, conhecidos como *kachigumis* e os que aceitaram a derrota, normalmente mais propensos à integração ao país, conhecidos como *makegumis*, os “corações sujos”. Estes últimos, em geral pessoas mais cultas, mais esclarecidas, que ocupavam o topo da sociedade nipo-brasileira, passaram a ser perseguidos pelos *tokkotais*, membros das “Unidades Especiais de ataque por choque corporal” (DEZEM, 2000, p. 69), braço armado da Liga, sendo muitas vezes executados.

Capítulo pouco lembrado pela historiografia oficial da imigração, esse episódio merece destaque especial no romance, com o relato da morte de Haruo e suas ressonâncias na família. O capítulo 6 começa com a frase “LAVE A SUA GARGANTA, TRAIADOR” (NAKASATO, 2011, p. 131). Trata-se da frase escrita em japonês no muro da casa de Haruo, texto com que normalmente começavam as cartas com a sentença de morte ditada aos *makegumis*.

O intertexto, neste caso, é o conhecido livro de Fernando Moraes, quem após rigorosa pesquisa sobre o tema, relata o episódio dos conflitos entre *kachigumis* e *makegumis* em *Corações sujos*, de 2000, onde também apresenta um bom panorama da história da imigração japonesa no Brasil. Do mesmo ano, decorrente da abertura dos arquivos do antigo DEOPS e do inventário de seu conteúdo, é o estudo de Rogério Dezem, *Shindô-Renmei: terrorismo e repressão*, que provavelmente também foi utilizado nas pesquisas de Nakasato, uma vez que várias informações ali constantes aparecem no romance.

Assim, ao trazer para o centro de seu romance essa “página negra da História da imigração japonesa no Brasil” (DEZEM, 2000, p. 28), Nakasato, de acordo com os princípios norteadores do

romance histórico contemporâneo, trata de trazer o episódio para o centro das discussões, contribuindo para superar o tabu que havia relegado ao esquecimento tal episódio. Assim, parece que Nakasato, ao retomar a questão, da forma como a apresenta em *Nihonjin*, não apenas indica a necessidade de evitar o esquecimento, mas também sinaliza para a necessidade de uma memória apaziguada, uma memória reconciliada, enfim, uma memória feliz. (RICOEUR, 2007, p. 504)

O foco principal do romance, no entanto, é a história de Sumie, também filha de Hideo e mãe do narrador, que abandona o marido e os filhos pequenos para viver um grande amor com o brasileiro Fernando. Embora a narrativa sinalize para o perdão, parece que ninguém na família a perdoou, com exceção de sua mãe Shizue. O capítulo 5 começa com a frase “Às vezes penso em ir vê-la” (NAKASATO, 2011, p. 99), mas fica a impressão de que o rancor pesa mais que o amor e o narrador, embora tenha em seus olhos sua imagem, não consegue superar o trauma de ter sido privado da presença materna em sua infância. E tampouco ele toma a iniciativa de ir vê-la, ainda que sofra ao antecipar sua possível morte...

Esse é o drama da família que, de alguma forma, humaniza e enlaça os dois protagonistas básicos do romance. O velho patriarca, imigrante japonês, faz um balanço de sua vida no qual parecem constar mais derrotas que vitórias. Sua pretensa retidão, sempre seguindo os preceitos de um código rígido, fundado em valores arcaicos, parece ruir diante de tantos dissabores. Seu esforço parece ter sido em vão: não conseguiu voltar à sua terra natal e não conseguiu forjar seus descendentes de acordo com seus valores.

O último capítulo do romance, nesse sentido, oferece uma leitura aberta (até mesmo dúbia). Por um lado, Hideo reconhece que perdeu a oportunidade de compreender os próprios erros, reconhecendo-os diante do filho Haruo, executado pelos *tokkotais* da Liga. Ao mesmo tempo em que sinaliza que “não conseguira compreender a tempo que vivia uma grande ilusão” (NAKASATO, 2011, p. 171), referindo-se a sua postura intransigente com relação

ao Japão, ele é apresentado no jardim, podando com golpes firmes seus bonsais. Essa comunhão entre a natureza e as mãos humanas produz belas flores, sinalizando simbolicamente, e paradoxalmente, se pensamos que as mãos são de um ancião, o ciclo vital da primavera. Por outro lado, no entanto, reitera o controle da tesoura firme que poda galhos e dirige os brotos de acordo com o desejo humano.

Do mesmo modo, o velho japonês vê com ceticismo a ideia de o neto ir ao Japão e lhe diz com palavras nuas que o Brasil é a sua terra. A imagem final, aberta, aponta o narrador despedindo-se do avô, e também da história, e dirigindo-se ao portão. Simbolicamente, o portão representa uma zona de transição, uma travessia, um entrelugar (SANTIAGO, 1978).

Desta vez, como se a roda da vida girasse ciclicamente, a partida se faz em sentido inverso. O velho japonês, que veio para o Brasil com a ideia de permanecer pouco tempo e nunca mais regressou, fica no jardim, uma vez que já não vê nenhum sentido na pátria antiga. O neto, que se considera brasileiro, e que conhece os mecanismos da história, pois é historiador, fará o caminho inverso, talvez tentando reencontrar a terra abandonada pelo avô. Como historiador ele trata de reconstruir através de um relato, não histórico, mas ficcional, a saga familiar. A reconciliação necessária com a mãe, no entanto, fica pendente. Pode-se associar, neste caso, a mãe com a terra, com as origens. Apesar de não voltarem a vê-la, nem o avô, nem o neto, ambos sabem que ela está ali, na memória de ambos, talvez esperando a reconciliação necessária para que a primavera possa ter o sentido de vida que se recicla...

### **Seguir em direção ao portão (aberto)...**

Apesar da ruptura com a tradicional saga da migração, o romance de Nakasato mantém alguns lugares comuns dos relatos que tratam do tema. A família se encaixa perfeitamente no caminho

seguido pelos imigrantes. Ao chegar ao Brasil, Hideo fixa-se no campo, inicialmente na lavoura de café, para depois dedicar-se a um sítio, antes de imigrar para a cidade, onde monta um estabelecimento comercial no bairro paulistano da Liberdade. Seus filhos serão comerciantes ou prestadores de serviços. Netos e bisnetos irão à Universidade, já integrados à cultura brasileira. Um bisneto treina “numa escolinha de futebol com um ex-jogador do Palmeiras” (NAKASATO, 2011, p. 167). O tripé valorizado pelos imigrantes japoneses e seus descendentes: família, educação e trabalho (NAKASATO, 2008) é mantido firmemente. Isso explica as fraturas ocorridas, no caso das mulheres que escapam do tacho do patriarcalismo exacerbado.

O romance, entretanto, faz uma releitura dessacralizadora da saga da imigração japonesa. Mais que a saga do imigrante japonês em terras estrangeiras, temos a aventura da integração do *nihonjin* ao novo país e à nova cultura. Mesmo o retorno em busca das possíveis raízes efetuado pelo *dekasegi*, ao final do relato, reveste-se mais de constatação da diferença que de busca da identidade. O avô, na despedida, afirma que é o Brasil, não o Japão, a terra do neto.

Nessa leitura desmistificadora o foco está no próprio relato, tentativa de reconstrução da memória a partir do preenchimento das lacunas apagadas pelo esquecimento. Trata-se, portanto, de uma metaficção historiográfica (HUTCHEON, 1991) que evidencia claramente o construto discursivo como eixo da narrativa. Há um narrador que reúne relatos dos mais velhos tentando entender o porquê de certos apagamentos na memória familiar. Ao mesmo tempo, ele vai articulando fragmentos de memórias próprias e alheias e, a partir delas, constrói outra versão para a saga familiar.

Nesse transcurso, as fotografias, reminiscências do passado que se atualizam no presente, tem um papel importante. O espaço entre o instante passado perpetuado no papel e sua significação no presente vai sendo preenchido pelo relato que, a cada instante, negocia e renegocia significados. Nesse processo as verdades consolidadas,

pela voz do patriarca, pela tradição do discurso heroico da saga do imigrante, pelo discurso estereotipado sobre os nipo-brasileiros, entre outras, vão se dispersando, dando lugar a verdades negociadas, relativas; versões que surgem da polifonia de vozes que ressoam a cada instante. Cabe, ao leitor, responsável pelo processamento dessas versões, reconstruir e/ou acatar aquela que mais lhe interesse, aquela mais esteja de acordo com seu desejo.

Como romance histórico, gênero híbrido por natureza, a narrativa de Nakasato incorpora procedimentos tanto da ficção quanto da história, em especial o “desejo de selecionar, construir e proporcionar auto-suficiência” (HUTCHEON, 1991, p. 146). E principalmente o objetivo de duvidar das verdades consolidadas e hegemônicas, de corroer as versões impostas pelo poder patriarcal, assentado em versões homogêneas que desconsideram o diferente, o particular. Daí a importância da mudança do foco, trazendo para o centro da narrativa o ponto de vista dos ex-cêntricos, dos apagados, dos esquecidos, dos silenciados. A metáfora do bonsai com que se fecha a história é significativa: modela-se o passado de acordo com o presente. Mesmo que o narrador de *Nihonjin* seja masculino, o relato trata de tirar do anonimato as vozes femininas reprimidas.

Nesse processo, uma técnica narrativa característica do romance histórico pós-moderno articula a construção de *Nihonjin*: o diálogo intertextual. Ao reescrever em seu romance a saga da imigração japonesa no Brasil, Nakasato faz uma leitura a contrapelo da saga da imigração. Seu romance é uma espécie de paródia da épica da imigração que normalmente se repete no imaginário do discurso heroizante da imigração.

As páginas do romance de Nakasato, nesse sentido, dialogam, às vezes diretamente, às vezes indiretamente, com uma biblioteca virtual, uma espécie de “memória literária” (SAMOYAULT, 2008, p. 75) que reúne um repertório literário e cultural vivo, sobre a imigração japonesa no Brasil. Dessa biblioteca, talvez a presença mais evidente, notada desde o título, seja o filme de Tizuca Yamasaki, de 1980, que de alguma forma,

embora ainda mantivesse um tom heroico, já apresentava importantes inversões na saga do imigrante, principalmente ao colocar a mulher no centro da epopeia e ao defender a integração do japonês à cultura brasileira. A saga da imigração é pintada em *Nihonjin* com cores muito similares àquelas que apareciam nas imagens de *Gaijin*. Isso evidencia não uma simples leitura, mas uma homenagem da narrativa de Nakasato ao filme de Yamasaki.

Tanto *Gaijin* quanto *Nihonjin* dialogam com a matriz tradicional do relato épico da imigração, tratando de dessacralizá-la. Em ambas as obras, o ponto de vista deixa de ser patriarcal e localiza-se na mulher que trata de romper a estrutura imposta por uma cultura assentada no poder do macho castrador. Se em *Gaijin*, de um modo idealizado, a narrativa conclui apontado para a difícil, mas possível integração do imigrante ao novo país e para a libertação das amarras que prendiam a mulher, em *Nihonjin*, mais realista, ocorre a recuperação dessas vozes que pagaram com a vida ou com a solidão a ousadia de sua transgressão.

Assim, ao se estruturar no enredamento entre ficção e história, entre realidade e fantasia, estilhaçando o tempo linear e rompendo com o documentalismo essencialista, com o localismo restritivo e com a visão plana da história, o romance de Oscar Nakasato desconstrói lugares comuns da historiografia da imigração japonesa no Brasil, do pensamento excessivamente exaltador e muitas vezes doentio de um falocentrismo exacerbado. E nas gretas dessa desconstrução faz brotar novas possibilidades de leitura da saga dessa imigração, entre as quais o drama da integração do nipo-brasileiro à cultura brasileira e, por contiguidade, desse enorme palimpsesto a que damos o nome de cultura brasileira.

## Referências

ALVIM, Zuleika. Imigrantes: a vida privada dos pobres do campo. In SEVCENKO, N. (Org.) **História da vida privada no Brasil**. 3: República:



da *Belle époque* à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. pp. 215-288.

ARAÚJO, Gilberto. Um sentido de retorno. In <http://oscarinakasato.wordpress.com/2011/10/02/um-sentido-de-retorno/> ~ Acesso 21 mai 2012.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. **Obras escolhidas.** Magia e técnica, Arte e política. Trad. Sérgio P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.

CEIA, Carlos. Falogocentrismo. *E-Dicionário de Termos Literários (EDTL)*, coord. Carlos Ceia. <http://www.edtl.com.pt>, acesso em 30 mai 2013.

DEZEM, Rogério. Shindô-Renmei: terrorismo e repressão. São Paulo: Arquivo do Estado; Imprensa Oficial. 2000. Inventário DEOPS. Modulo III – Japoneses.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo.** Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

MORAES, Fernando. **Corações sujos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

KRUGER, Raphael. A mutação de nikkeijin para nihonjin. *Memai: letras e artes japonesas*. 05 de setembro de 2011. <http://www.jornalmemai.com.br/2011/09/a-mutacao-de-nikkeijin-para-nihonjin/> Acesso 23 mai 2012.

NAGAO, Jorge. Nihonjin. *Primeiro programa*. In <http://www.primeiroprograma.com.br/site/website/news/show.asp?nwsCode=D17A029C-612F-49AB-B35A-AC80246373DD> Acesso 23 mai 2012

NAKASATO, Oscar. **Nihonjin.** São Paulo: Benvirá, 2011.

\_\_\_\_\_. F. Família, educação e trabalho: reflexos do tripé nipo-brasileiro na Literatura. In NITRINI, S. *et al.* (Org.) **Anais do XI Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada - Tessituras, Interações, Convergências.** São Paulo: ABRALIC, 2008. In [http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/051/OSCAR\\_NAKASATO.pdf](http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/051/OSCAR_NAKASATO.pdf)

NASCIMENTO, Naiara. A. *Nihonjin: memórias da imigração japonesa no Brasil.* **Actas del XI Seminario Argentino Chileno y VI Seminario Cono Sur de Ciencias Sociales, Humanidades y Relaciones Internacionales.** Mendoza: UNCUYO, 2012.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** Trad. Alain

François *et al.* Campinas: Ed UNICAMP, 2007.

SAMOYAUULT, Tiphaine. **A intertextualidade**. Trad. Sandra Nitrini. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. **Uma literatura nos trópicos**. Ensaios sobre dependência cultural. São Paulo: Perspectiva, 1978. pp. 11-28.

YAMASAKI, Tizuka. **Gaijin**. Os caminhos da liberdade. CPC, 1980. DVD.